

**Para além da tradição analística: os jogos gladiatoriais e as *venationes*  
na obra de Tito Lívio**

**(Beyond the annalistic tradition: gladiatorial games and *venationes* in Livy's *Ab urbe condita*)**

Moisés Antiqueira  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
moisesantiqueira@gmail.com

Recibido: 27/09/2017  
Evaluado: 02/10/2017  
Aceptado: 06/09/2017

**Resumo:**

Neste artigo, investiga-se a maneira pela qual Tito Lívio introduziu referências aos *munera gladiatorum* e às *venationes* em diferentes passagens de sua narrativa. Demonstrar-se-á que o historiador obedece aos parâmetros da tradição analística nas passagens que se limitam à cidade de Roma, porém expande suas considerações naquelas que se remetem a episódios que se desenrolam fora da Itália. Neste sentido, os combates de gladiadores servem para expressar as ambiguidades que se atribuem à expansão territorial romana, como abordada por Tito Lívio entre os Livros XXI e XLV.

**Palavras-chave:** Tito Lívio, Tradição Analística, Jogos Gladiatoriais, *Venationes*.

**Abstract:**

The paper addresses the ways Livy presents some information about *munera gladiatorum* and *venationes* in several passages in his narrative. It will be shown that he follows the annalistic patterns in those passages regarding the city of Rome itself, while he broadens his discussion when dealing with events that took place outside Italy. Accordingly, gladiatorial combats serve to highlight the ambiguities he links to Roman territorial expansion, as seen between Books XXI and XLV.

**Keywords:** Livy. Annalistic Tradition. Gladiatorial Games. *Venationes*.

O ano era 548 *ab urbe condita*, ou 206 a.C.<sup>1</sup>. A Hispânia consistia à época no principal palco da guerra entre romanos e cartagineses. Em determinado ponto de seu relato acerca daquele ano, Tito Lívio (XXVIII 21, 1-10) narra que

... Cipião retornou a Cartago [i.e., Nova Cartago] para cumprir com os votos feitos aos deuses e realizar o combate gladiatorial que ele preparara por causa da morte de seu pai e de seu tio paterno. O espetáculo de gladiadores não esteve em conformidade com o tipo de homens que os lanistas têm o hábito de fornecer, escravos adquiridos em leilões e homens livres que colocam o sangue à venda: a participação dos lutadores foi inteiramente voluntária e gratuita. Pois alguns, como os enviados pelos régulos [ibéricos], o foram como exemplo para demonstração da virtude arraigada nesses povos; outros declararam que se ofereceram à luta por si mesmos em honra ao seu comandante, e a outros a rivalidade os arrastou ao certame, pois que de forma alguma recusassem algo quando provocados e se os provocasse; e alguns resolveram com o ferro as controvérsias às quais não foram capazes ou não desejaram ter finalizado, estipulando assim que coubesse ao vitorioso entre eles o objeto em disputa. E não eram de homens de estirpe obscura, mas antes célebres e ilustres, Córbis e Orsua, primos por linhagem paterna, que proclamaram lutar entre si com a espada para disputar o poder sobre uma cidade chamada Íbis. Córbis era mais velho; já o pai de Orsua havia sido o príncipe mais recente, tendo recebido o poder de seu irmão mais velho após a morte daquele. Por meio de palavras, Cipião queria debater a questão e aplacar a cólera [deles], ao que ambos dissessem ter negado tal proposta por parte de seus parentes em comum e que não teriam por juiz homem ou deus algum que não fosse Marte. Confiando o mais velho em sua força e o mais novo, ousado por estar na flor da idade, optaram pela morte em combate do que se submeter um ao poder do outro, de modo que não fosse possível dissuadi-los de tamanha loucura; ofereceram um notável espetáculo ao exército e uma prova do quão desastrosa é a ambição pelo poder entre os mortais. O mais velho, graças à experiência no emprego das armas e à astúcia, superou facilmente a força bruta do mais jovem<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> As datas subsequentes se referem exclusivamente ao período anterior à era cristã.

<sup>2</sup> "Scipio Carthaginem ad vota solvenda deis munusque gladiatorium, quod mortis causa patris patriusque paraverat, edendum rediit. Gladiatorum spectaculum fuit non ex eo genere hominum ex quo lanistis comparare mos est, servorum de castata ac liberorum qui venalem sanguinem habent: voluntaria omnis et gratuita opera pugnantium fuit. Nam alii missi ab regulis sunt ad specimen insitae genti virtutis ostendendum, alii ipsi professi se pugnatos in gratiam ducis, alios aemulatio et certamen, ut provocarent provocative haud abnuerent traxit; quidam quas disceptando controversias finire nequierant aut noluerant, pacto inter se ut victorem res sequeretur, ferro decreverunt. Neque obscuri generis homines, sed clari inlustresque, Corbis et Orsua, patruales fratres, de principatu civitatis quam Ibem vocabant ambigentes, ferro se certaturos professi sunt. Corbis maior erat aetate; Orsuae pater princeps proxime fuerat, a fratre maiore post mortem eius principatu accepto. Cum verbis disceptare Scipio vellet ac sedare iras, negatum id ambo dicere cognatis communibus, nec alium deorum hominumque quam Martem se iudicem habituros esse. Robore maior, minor flore aetatis ferox, mortem in certamine quam ut alter alterius imperio subiceretur praeoptantes, cum dirimi ab tanta rabie nequirent, insigne spectaculum exercitui praebuere documentumque quantum cupiditas imperii malum inter mortales esset. Maior usu armorum et astu facile stolidas vires minores superavit".

Em tempo: utilizamos os volumes editados pela *Loeb Classical Library* no tocante ao texto latino da *Ab Urbe Condita*.

As citações que Tito Lívio fez a respeito da celebração de jogos e festivais são recorrentes nos livros supérstites. Como afirma Eugen Cizek, mesmo fatos comezinhos da vida cotidiana dos romanos despertavam a atenção do historiador<sup>3</sup>. Assim, nos deparamos com inúmeras menções a jogos dos mais variados tipos, a começar pelos Jogos Romanos ou Grandes Jogos, cujas origens o texto atribui ao rei Tarquínio Prisco<sup>4</sup>.

Não obstante, o foco do presente trabalho se volta para um aspecto secundário em meio à narrativa liviana: refiro-me aos *munera*, isto é, aos espetáculos de gladiadores e às *venationes* (a exibição de caça a animais selvagens). Claro está, não dispomos dos livros em que Tito Lívio abordou o período tardo-republicano, quando a natureza originalmente funerária dos combates gladiatoriais seria matizada diante dos interesses nutridos por lideranças político-militares do século I, que lançaram mão da organização dos jogos como forma excepcional de celebração de vitórias bélicas ou mesmo como mecanismo a potencializar suas chances nas eleições<sup>5</sup>. É de se supor que, com o aumento exponencial de informações acerca da República Tardia – por exemplo, o tribulado da plebe exercido por Tibério Semprônio Graco em 133 foi registrado por Tito Lívio ainda no Livro LVIII –, pudéssemos encontrar maior volume de dados a respeito dos espetáculos que envolvessem gladiadores, bem como bestas-feras, acaso a obra liviana tivesse se preservado na íntegra<sup>6</sup>. Vale frisar que as *periochae*, isto é, os resumos dos 142 livros que compunham a *Ab Vrbe Condita*, não nos auxiliam de modo algum nesse caso: apenas em Liv., *Per.* 95.2 menciona-se algo relativo aos gladiadores, porém em contexto específico, o da revolta encabeçada por Espártaco.

Todavia, o longo trecho com que abrimos o artigo sinaliza que a ocorrência de jogos gladiatoriais na obra de Tito Lívio continha observações que não se limitavam a aspectos propriamente cotidianos ou rotineiros, de modo que configuravam episódios em que o historiador dava vazão a um discurso moralizante. Diante disso, almeja-se demonstrar de que maneira Tito Lívio construiu determinadas passagens que

<sup>3</sup> E. Cizek, *Histoire et historiens à Rome dans l'Antiquité*, Lyon, PUL, 1995, p. 163.

<sup>4</sup> Cf. Liv., I 35, 7-9.

<sup>5</sup> A. Futrell, *The Roman games*, Malden (MA), Blackwell, 2006, p. 11.

<sup>6</sup> Ao encerrar o Livro XLV, restava a Tito Lívio menos de dois séculos de história romana a serem relatados; todavia, a quantidade de fontes as quais ele poderia ter acesso era de tal monta que lhe propiciava, a partir daquele ponto, ampliar sua narrativa em proporções gigantescas. Para tanto, ver F. W. Walbank, "The fourth and fifth decades", T. A. Dorey (Ed.), *Livy*, London-Toronto, Routledge & Keegan Paul-University of Toronto Press, 1971, p. 47.

---

concerniam aos *munera* e às *venationes* levando-se em conta a estrutura narrativa da qual ele serviu, a analística. Para tanto, vejamos em um primeiro momento de que forma Tito Lívio lidou com os preceitos da tradição analística que se notava no interior da produção historiográfica romana ao final do período republicano.

### **Tito Lívio e a tradição analística romana**

Como é sabido, a narrativa histórica *ab urbe condita* que Tito Lívio elaborou se pautava sobre os princípios da chamada analística. Comum em fins da época republicana, equivalia ao formato predominante de composição de uma história local, ou horográfica (do grego *horos*, “ano”), por meio da qual os eventos referentes à cidade de Roma ou, mais precisamente, ao *populus Romanus* eram reportados ano após ano. Fatos da mais diversa natureza – políticoinstitucional, religiosa, militar e etc. – eram organizados considerando-se essa divisão cronológica anual que, por sua vez, se baseava na anualidade do exercício da magistratura epônima romana, isto é, o consulado. Portanto, as informações selecionadas pelo historiador eram dispostas conforme um ordenamento cronológico ao invés de temático<sup>7</sup>.

Significa dizer que a tradição analística nutria uma relação umbilical com a própria *res publica* e suas instituições: afinal, era a existência dos cônsules o elemento a proporcionar o fundamento para tal modalidade de escrita da história. Contudo, embora a analística apresentasse tamanha característica institucional, não se confundia com um registro cronístico. Dito de outra maneira,

Os anais literários devem ser julgados de acordo com o critério da legibilidade, ao contrário dos anais dos pontífices, os quais, porquanto fossem crônicas, destinados aos arquivos, não se ocupavam de sua relação com uma leitura propriamente pública<sup>8</sup>.

O trecho acima alude às intersecções entre a composição de anais, *Annales*, por parte dos pontífices máximos romanos e a constituição de uma tradição historiográfica *analística* por volta da metade do século II. Em que medida a primeira condicionou a

---

<sup>7</sup> Ver, entre outros, C. W. Fornara, *The nature of History in ancient Greece and Rome*, Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press, 1983, p. 16.

<sup>8</sup> Cf. B. Gentili, G. Cerri, *History and biography in ancient thought*, Amsterdam, J. C. Gieben, 1988, p. 41: “The literary annals must be judged according to the criterion of readability, unlike the pontifical annals which, because they were chronicles, intended for the archives, were not concerned with their relationship with proper reading public”.

segunda é motivo de debate entre os estudiosos modernos. Seja como for, ao que parece desde o século IV o pontificado máximo se encarregava da redação de anais nos quais se tomava nota, ano a ano, dos principais acontecimentos que dissessem respeito à cidade de Roma. Havia, logo, uma maneira de se preservar por escrito uma memória acerca do passado que antecedia às primeiras figuras de historiador na *Vrbs*, cuja emergência se daria apenas ao tempo da Segunda Guerra Púnica.

Nestes termos, a opção de Tito Lívio por redigir uma obra analística fomentava uma ideia de continuidade: nortear-se a partir do calendário cívico permitia atestar a perenidade de Roma, ou mais exatamente da *res publica*<sup>9</sup>, independente das crises políticas ou eventuais reveses militares que houvessem ocorrido. No entanto, a estrutura analística também pode ser aclarada em função de outros fatores. Cizek explica que, em uma acepção estrita, por *annales* os contemporâneos de Tito Lívio entendiam o relato dedicado ao passado, iniciando-se a partir de tempos mais recuados. Assim posto, “os *annales* pressupunham sempre, portanto, uma ‘arqueologia’”<sup>10</sup>, quer dizer, uma seção que abordasse as épocas primevas da história da comunidade. Por outro lado, Tito Lívio igualmente produziu *historia* que, estritamente falando, definiria a narrativa que abrangesse os acontecimentos (quase) contemporâneos ou aqueles que se desenrolaram no decurso da vida do historiador. Em que pese isto, ao decidir-se pela elaboração de uma obra *ab urbe condita*, totalizante como tal, Tito Lívio foi impelido a adotar a modalidade historiográfica que conviria à sua empresa, isto é, a analística.

Compete questionar, pois, sob quais parâmetros a estrutura analística pode ser vista no texto. Esta se baseava em uma tricotomia, de modo que se estabelecia “uma divisão assaz rigorosa do ano em três sequências”<sup>11</sup>: o relato se iniciava com a indicação de acontecimentos triviais, comuns ao funcionamento do Estado (instalação dos novos magistrados em seus cargos, preparativos para a campanha militar de verão e assim por diante). Em seguida, narravam-se os eventos mais importantes, quais sejam, as atividades bélicas levada a cabo contra os povos inimigos de Roma. Ao término dos conflitos, temos a terceira e última parte, momento em que cônsules retornam à *Vrbs* e

---

<sup>9</sup> O Livro I, dedicado à era monárquica (753-509), não poderia estruturar-se em conformidade com os preceitos analísticos.

<sup>10</sup> “Les *annales* supposaient donc toujours une ‘arqueologie’”. Cf. E. Cizek. *Op cit.*, p. 13.

<sup>11</sup> “... une division assez rigoureuse de l’année en trois séquences”. Ver E. Cizek. *Op cit.*, p. 167.

organizam-se as assembleias para a escolha dos magistrados para o ano seguinte, além de se pontuarem outras questões institucionais. Deste formato tricotômico decorre, logo, que os conteúdos selecionados para comporem a narrativa sejam agrupados em uma sequência de *res internae-res externae-res internae*.

Por conseguinte, Tito Lívio manteve-se preso a uma estrutura que por vezes tornava o seu texto monótono, dada a repetição, para cada ano consecutivo, de informações relativas às eleições, aos nomes dos magistrados, comandantes militares e sacerdotes, aos prodígios, ao sorteio para a administração das províncias e, igualmente, aos jogos de variada natureza (*ludi Romani/magni, ludi plebeii, ludi Apollinares* e etc.)<sup>12</sup>. As referências aos espetáculos de gladiadores também obedecem a essa tendência, embora não consistissem, na virada do século III para o II, em uma atividade que competia ao Estado romano, ao contrário dos jogos relacionados à celebração de triunfos ou festividades religiosas<sup>13</sup>. Quer dizer, ainda que não configurasse àquela época uma prática a ser formalmente executada por parte dos magistrados – escapando, portanto, das ações de caráter políticoinstitucional –, o *munus gladiatorum* dizia respeito ao povo romano e, assim sendo, ganharia as páginas da narrativa liviana.

Deste modo, vejamos. Em Liv., XXIII 30, 13, lê-se a seguinte afirmação: “tais foram, com variações, os eventos ocorridos naquele ano na Itália, na África, na Sicília e na Hispânia”<sup>14</sup>. O ano em questão era nada menos do que o de 216, período dos mais delicados para os romanos em guerra contra Aníbal. Com tal frase, Tito Lívio encerrava o seu longo relato acerca dos “assuntos externos” que haviam ocorrido naquele ano consular. Na continuidade do texto, se listavam questões de ordem administrativa e

<sup>12</sup> E. Cizek. *Op cit.*, p. 13-14; 167.

<sup>13</sup> As lutas de gladiadores nos séculos III e II dispunham de caráter privado, incluindo-se nas obrigações (*munera*, termo que se empregaria também para designar os próprios jogos gladiatoriais) que membros das famílias nobres cumpriam a fim de honrar seus antepassados mortos. Os cidadãos que se encarregavam da organização dos combates, os *editores*, o faziam na condição de *privati*, ou seja, sem que ocupassem um cargo público. A partir do século I, nota-se que os espetáculos passaram a ser oferecidos por alguns indivíduos ao tempo em que exerciam alguma magistratura; entretanto, os combates eram realizados às expensas do sujeito que os organizava, não correspondendo, pois, a uma das tarefas inerentes ao ofício em si. Com a emergência do principado de Augusto, os *munera gladiatorum* passaram a ser gradativamente controlados pelo *princeps* e pela corte imperial, tornando impraticável uma maior diferenciação entre esfera pública e privada no que tangia aos jogos. Para tanto, ver T. Wiedemann, *Emperors and gladiators*, London-New York, Routledge, 1995 (=1992), pp. 6-8.

<sup>14</sup> “Haec anno in Italia, in Africa, in Sicilia, in Hispania vario eventu acta”.

religiosa: a dedicação de um templo a Vênus Ericina no Capitólio e as medidas aprovadas pelo Senado para tanto (Liv., XXIII 30, 14), bem como a celebração dos Jogos Romanos e dos Jogos Plebeus, nomeando-se os magistrados responsáveis pela iniciativa (Liv., XXIII 30, 16). Neste ensejo, também se escreveria que

... para M. Emílio Lépidio, que havia sido cônsul por duas vezes e áugure, os seus três filhos, Lúcio, Marco e Quinto, ofereceram jogos fúnebres por três dias e vinte e dois pares de gladiadores no Fórum (Liv., XXIII 30, 15)<sup>15</sup>.

Na passagem seguinte, o leitor é conduzido para o ano de 215, pois se informa que Tibério Semprônio deu início ao seu consulado nos idos de março (Liv., XXIII 30, 17). Finalmente, mencionam-se as atribuições judiciais e as províncias (Sicília e Sardenha) conferidas a cada um dos pretores, bem como o *imperium* proconsular entregue a Marco Marcelo por decisão popular (Liv., XXIII 30, 18-19).

Nestes termos, identifica-se o padrão tricotômico que orienta a inserção do conteúdo na obra de Tito Lívio. Ao finalizar a narrativa sobre as *rerum externarum* pertinentes ao ano de 216, o autor passou para as *rerum domesticarum*, dentre as quais se indica o *ludus funebris* dedicado a Lépidio, que contou com a exibição de gladiadores. O registro concernente ao ano de 215 não poderia senão principiar com os “assuntos internos”. Todo o conjunto de fatos é exposto de forma tão hermética que se transmite a ideia de que se seguiram uns aos outros de modo muito rápido. Em resumo, a informação sobre o combate gladiatorial de 216 ladeia outras tantas que tipicamente se observam em todo trecho mediante o qual Tito Lívio põe termo ao seu relato acerca de cada ano consular que se sucedia ao longo do tempo<sup>16</sup>.

Sendo assim, as indicações contidas nos Livros XXI-XLV no tocante aos *munera* e às *venationes* figuravam como tópicos que se veem nas seções domésticas que

---

<sup>15</sup> “... M. Aemilio Lepido, qui bis consul augurque fuerat, filii tres, Lucius, Marcus, Quintus, ludos funebres per triduum et gladiatorum paria duo et viginti in foro dederunt”.

<sup>16</sup> Outras citações de Tito Lívio às lutas de gladiadores que seguem esse mesmo padrão podem ser encontradas em Liv., XXXIX 46, 2 (nesse caso, a menção feita a cento e vinte gladiadores por conta do funeral de Públio Licínio foi colocada no início da narrativa referente ao ano de 183) e Liv., XLI 28, (registra-se a realização de muitos jogos gladiatoriais (*munera gladiatorum eo anno aliquot, parva alia*) para o ano de 174, salientando-se dentre eles aquele que Tito Flaminino organizou em memória de seu falecido pai). Já em Liv., XLIV 18, 8, o relato sobre o ano de 169 foi concluído apontando-se os jogos circenses organizados pelos edis curuis, que contaram com a presença de animais selvagens. Quer dizer, essa informação quanto à *venatio* também se encaixava à estrutura analítica utilizada por Tito Lívio.

compreendem a narrativa ano a ano tecida pelo historiador. Porém, isto corresponde a somente uma parte do procedimento adotado por Tito Lívio. Como ensina John Rich, a obra denota grande flexibilidade em relação ao emprego da estrutura analística, ao que se afirma que

Há muita variedade, até mesmo naquelas partes das narrativas anuais as quais derivam de suas fontes analísticas, e Tito Lívio utiliza o seu material livremente para atender aos seus próprios propósitos composicionais<sup>17</sup>.

Desta maneira, um estudo sobre essas categorias rotineiras para as quais Tito Lívio se volta permite que problematizemos alguns dos procedimentos observados na composição da narrativa. Algumas dessas informações corriqueiras não se confinam à parte da *res interna*e e, igualmente, são articuladas a temas mais amplos, para além do escopo em que tradicionalmente se inserem no conjunto dos livros<sup>18</sup>. Tal é, justamente, o caso dos jogos de gladiadores e da exibição de animais ferozes no Circo, como veremos a seguir.

#### ***Munus gladiatorium, venatio e os mores maiorum na narrativa liviana***

Começamos esse tópico com um episódio presente no Livro XLIV, em que o historiador assinala a tática utilizada pelas legiões durante o cerco à localidade macedônica de Heracleo, situada próxima à fronteira com a Tessália, no decurso da Terceira Guerra Macedônica (171-168). Por ocasião do sítio efetuado sobre o lugar, ocorrido em 169, os soldados romanos mais jovens alcançaram a base da muralha que protegia o local mediante uma manobra que costumavam executar nas arenas (*ludicro circensi ad usum belli*; cf. Liv., XLIV 9, 3). Tito Lívio esclareceria na sequência que os legionários conseguiram se aproximar da muralha e, posteriormente, adentraram a cidade ao lançarem mão da chamada "formação tartaruga" (*testudo*) (cf. Liv., XLIV 9, 6-9), na qual os soldados que integravam um manípulo dispunham seus escudos bem juntos uns dos outros, de maneira a constituírem uma espécie de teto que acabava por proteger toda a unidade diante dos objetos que contra ela fossem projetados.

---

<sup>17</sup> "There is plenty of variety even within those parts of the annual narratives which derive from his annalistic sources, and Livy uses this material freely to serve his own compositional purposes". Cf. J. Rich, "Structuring Roman history: the consular year and the Roman historical tradition", *Histos* 5 (2011), 1-43.

<sup>18</sup> J. Rich. *Op. cit.*

Diante do exposto, dois são os pontos que merecem exame mais detalhado. Tito Lívio escreve que era costume à época (*mos erat*) que os jogos no Circo contassem com apresentações de jovens armados, cuja entrada na arena era marcada por elaboradas manobras que culminavam na junção dos escudos sobre suas cabeças, resultando na já assinalada “formação tartaruga”. Tamanho exercício seria “em parte mais vistoso que as artes militares e mais próximo da experiência de armas de um gladiador” (Liv., XLIV 9, 5-6)<sup>19</sup>. No entender de Sara Elise Phang, a passagem assinala que “o truque no circo também foi executado para um bom uso militar<sup>20</sup>, porém Tito Lívio pensava claramente que, quanto mais “espetacular” os feitos derivados de uma atividade coordenada, menos militares eles seriam”<sup>21</sup>.

Não se trata, claro está, de uma informação relativa à ocorrência de jogos de gladiadores. A despeito disso, a alusão que o historiador estabelece nesse passo traz à lume aspectos que caracterizam sua formatação historiográfica. Por um lado, as ações em Heracleo são narradas de tal modo que Tito Lívio as “espetaculariza”. Forja-se uma aproximação entre aquilo que ocorreu fora de Roma e o que se passou/passa cotidianamente no interior da própria *Vrbs*. Ao asseverar que a manobra dos jovens soldados era afeita à gladiatura, Tito Lívio empregou um recurso retórico mediante o qual a ação no passado é esclarecida a partir de uma referência àquilo que era mais

---

<sup>19</sup> “... ex parte elegantioris quam militaris artis propiorque gladiatorium armorum usum”.

<sup>20</sup> Algo que se nota igualmente em Liv. XLI 20, 12, em que se assevera que os jogos de gladiadores estimulariam o militarismo entre os mais jovens dos súditos de Antíoco IV Epifânio. Ver A. Futrell. *The Roman...* Op. cit., p. 10. No caso, ainda que encenadas, as atividades desenvolvidas nos *ludi* seriam de algum modo apreciadas desde que se mostrassem úteis no campo de batalha.

<sup>21</sup> “The circus trick also was put to good military use, but Livy clearly thinks that the more “spectacular” the feats of coordinated activity, the less military they are (sic)”. Cf. S. E. Phang, *Roman military service. Ideologies of discipline in the Late Republic and Early Principate*, New York, Cambridge University Press, 2008, p. 60. Similarmente, Michael Carter enxerga na narrativa sobre o combate singular travado entre Tito Mânlio Capitolino e um guerreiro gaulês (vide Liv., VIII 10) uma remissão ao espetáculo gladiatorial. Tito Lívio assegura que o jovem romano, vitorioso ao final, não brandiu suas armas, dançou ou cantou antes do início da luta – deixando implícito que seu adversário, no entanto, assim teria procedido. Teríamos aí uma remissão à prática da *prolusio*, com a qual os combates entre gladiadores eram iniciados à época em que o historiador vivia. Ao afirmar que Mânlio não se comportou daquela maneira, Tito Lívio transmitia ao público a ideia de que o herói romano, ao contrário do inimigo, manteve-se apartado das formas de conduta típicas de um gladiador, indignas de um verdadeiro soldado pois que praticadas por indivíduos infames como aqueles escravos que se digladiavam nas arenas de Roma. Ver M. Carter, “Livy, Titus Manlius Capitolinus and the gladiatorial *prolusio*”, *Rheinisches Museum für Philologie* 151.3/4 (2008), 313-325.

familiar não somente para ele, na condição de historiador que não ocupou cargos políticos e militares, mas também para a maior parte de seus leitores, provavelmente mais habituados aos espetáculos na arena do que ao dia a dia dos acampamentos militares<sup>22</sup>. Verifica-se, inclusive, uma sobreposição entre *res interna*e e *res externa*e, uma vez que a vitória em Heracleo teria se dado pela aplicação de movimentos comuns aos *munera* que se realizavam nos espaços públicos da *Vrbs*.

Em segundo lugar, Tito Lívio afirma que as exibições marciais dos jovens, até então, não haviam cedido passo à presença de animais procedentes de todos os lugares e que se espalhavam pelo Circo (Liv., XLIV 9, 4). A primeira menção feita na obra à exibição de bestas-feras se encontra em Liv., XXXIX 22, 2, por conta de jogos organizados por Marco Fúlvio Nobilior em 186. Três anos antes, coube ao então cônsul Fúlvio liderar as forças romanas na guerra contra a Liga Etólia; a posterior realização daqueles *ludi* obedecia a um ritual tantas vezes enfatizado na narrativa, qual seja, o cumprimento dos votos proferidos pelo comandante para que a campanha bélica em que ele estava envolvido se revelasse bem-sucedida. Tito Lívio faz questão de salientar a grandiosidade desses jogos, comparando-os até mesmo com aqueles que se observariam em sua própria época (*prope huius saeculi copia*; cf. Liv., XXXIX 22, 2). Inaugurava-se, pois, uma prática que só faria aumentar: em Liv., XLIV, 18, 8, a exibição de sessenta e três panteras e quarenta ursos e elefantes no Circo no ano de 169 davam mostras, segundo o autor, de um processo de suntuosidade (*magnificentia*) crescente.

Ora, embora as referências às *venationes* na obra liviana sejam para lá de pontuais, pode-se afirmar que o historiador conferisse a elas um significado negativo, na medida em que evidenciariam o uso desmedido da riqueza que se contraporía à austeridade

---

<sup>22</sup> Andrew Feldherr ensina que a nomeação dos topônimos em que determinadas ações ocorreram no passado permitia que Tito Lívio construísse um mecanismo por intermédio do qual o público leitor, contemporâneo a ele, se aproximaria do objeto (acontecimento) relatado no texto, como que se firmasse uma hipotética continuidade entre as experiências do passado e aquelas que se desenrolavam no cotidiano de seus leitores. Cf. A. Feldherr, *Spectacle and society in Livy's History*, Berkeley: University of California Press, 1998, p. 167. Baseio-me aqui no ponto de vista defendido por Feldherr, ampliando-o, no entanto, para além dos espaços públicos mencionados na narrativa: práticas sociais também podem ser compreendidas nesses mesmos termos.

romana<sup>23</sup>. Se considerarmos os livros supérstites em seu todo, nota-se uma interessante dialética temporal e espacial, por meio da qual o passado mais remoto (a Roma alto-republicana) seria representado como *locus* marcado pelo comportamento simples e frugal, expressão maior de uma *rusticitas* idealizada. Quanto ao passado menos distante (a Roma após a subjugação de cartagineses e gregos), Tito Lívio se somava a autores tardo-republicanos como Cícero e Salústio no que tange ao *topos* de que o século II assistiria ao início do processo de degeneração moral da República devido, em especial, ao afluxo de riquezas e do apego ao luxo associados ao Oriente helenístico<sup>24</sup>.

Posto assim, para Tito Lívio as *venationes* vincular-se-iam a um dos signos da corrupção dos *mores maiorum*: o apego desmedido ao luxo, à opulência. A introdução de animais selvagens durante a celebração dos *ludi* romanos simbolizava uma transformação que, por sua vez, era associada a mudanças históricas e institucionais (“o declínio da *res publica*”) para as quais o historiador se revelaria demasiado atento.

Mas, e quanto aos *munera gladiatorum*? Penso que as representações formuladas acerca dos combates de gladiadores assumem no texto um sentido mais ambivalente, mas que também se articula ao elemento que apontamos no parágrafo anterior. No resumo do Livro XVI, lê-se que em 264 “Décimo Júnio Bruto foi o primeiro que realizou um combate gladiatorial em honra de seu falecido pai” (Liv., *Per.* XVI)<sup>25</sup>. Porém, não se tratava de uma prática social autóctone: afirma-se em Liv., IX 40, 17, que no século IV os aliados da Campânia utilizaram, devido à sua “arrogância”, os espólios de guerra amealhados após vitória obtida contra os samnitas para equiparem os gladiadores que os entretiam em suas festividades. Na mesma passagem, contudo, Tito Lívio diz que os romanos destinaram os recursos advindos do saque “para honra dos deuses”, contrapondo-se aos seus aliados.

Diante disso, salientemos, por um lado, a recorrente ligação estabelecida entre os combates de gladiadores e os ritos religiosos/fúnebres (aspecto que, na obra, se reveste

---

<sup>23</sup> Julgo que haja algo de metonímico no procedimento ora ressaltado: a presença de animais exóticos vindos de *omnes gentes* e exibidos no coração da *Vrbs* exprime a entrada dos “hábitos importados” que teriam tomado conta da *res publica* em fase tardia de sua história, como lamentado por Tito Lívio no Prefácio à obra (cf. Liv., *Praef.* 11-12).

<sup>24</sup> Ver R. T. White, “Luxury at Rome: *avaritia*, *aemulatio* and the *mos maiorum*”, *Ex Historia* 6 (2014), 117-143.

<sup>25</sup> “Decimus Iunius Brutus munus gladiatorium in honorem defuncti patris primus edidit”.

de um caráter mais neutro, quase que puramente informativo) e, por outro, a ocorrência desses jogos em outros locais que não Roma. Para tanto, voltemos nossa atenção para a parte final de um passo biografizante em que se arrolam feitos e excentricidades do rei selêucida Antíoco IV Epifânio:

[ele] também superou os reis anteriores na magnificência de todos os espetáculos, com abundância de artistas gregos e o restante de costumes autóctones; ofereceu combate de gladiadores, conforme o costume dos romanos, de início com mais temor do que deleite por parte dos homens, não habituados com tal espetáculo; posteriormente, realizando-os com frequência, até o momento em que houvessem feridos e outras vezes sem que se poupasse a vida, tornou esse espetáculo familiar e agradável inclusive aos olhos daqueles [homens] e instigou o interesse pelas armas na maioria dos jovens. Consequentemente, ao passo que a princípio os gladiadores eram adquiridos de Roma por elevados preços, passaram a ser trazidos a partir de então de seu...<sup>26</sup> (Liv., XLI 20, 10-13)<sup>27</sup>.

A passagem reflete em que medida a complexidade das relações mantidas entre Roma e os reinos helenísticos emergiu no texto de Tito Lívio. No caso, os jogos gladiatoriais não ocupam o espaço que o historiador comumente lhes dedica na narrativa: dito de outra forma, a informação foi inserida na parte dos “assuntos externos” que competiam ao ano de 175. Isto se explica pelo simples fato de tais *munera* terem sido oferecidos por um rei estrangeiro, distante da cidade de Roma. Ou seja, os contatos e a presença dos romanos nas áreas orientais na primeira metade do século II haveriam de se fazer sentir no modo como Tito Lívio lidava com os conteúdos selecionados para compor sua narrativa. Neste sentido, a exibição de gladiadores em espetáculos *Romanae consuetudinis* ofertados pelo monarca selêucida assinalava a sobreposição entre *Vrbs* e *orbis*<sup>28</sup> – em certo sentido, portanto, os “assuntos domésticos” passavam a se confundir com os “assuntos externos”.

---

<sup>26</sup> Há uma lacuna nesse ponto da narrativa. A julgar por aquilo que se encontra em Liv., XLI 21, 1-3, no final do capítulo 20 o historiador encerrava seu relato a respeito do ano de 175 salientando a escolha dos magistrados para o ano seguinte.

<sup>27</sup> “Spectaculorum quoque omnis magnificentia superiores reges vicit, reliquorum sui moris et copia Graecorum artificum; gladiatorum munus, Romanae consuetudinis, primo maiore cum terrore hominum, insuetorum ad tale spectaculum, quam voluptate dedit; deinde saepius dando et modo volneribus tenuis, modo sine missione, etiam familiare oculis gratumque id spectaculum fecit, et armorum studium plerisque iuvenum accendit. Itaque qui primo ab Roma magnis pretiis paratos gladiatores accersere solitus erat, iam suo...”

<sup>28</sup> Christina S. Kraus assegura que a história do imperialismo romano se definia “[...] quase por um anseio obsessivo por reproduzir a si mesmo, seja mediante a expansão (repetindo a *urbs* no *orbis*) ou pela assimilação (repetindo o *orbis* na *urbs*)” (“[...] an almost obsessive urge to reproduce itself, either by expansion (repeating the *urbs* in the *orbis*) or by assimilation

Todavia, a referência aos combates de gladiadores no passo em questão não sinaliza apenas uma inversão da posição tradicional que se destinava a esse tipo de evento ao longo dos livros supérstites. Embora se afirme que foram realizados “conforme o costume dos romanos”, tais *munera* não mantinham relação alguma com os rituais fúnebres que serviam de contexto para a ocorrência desses espetáculos na Roma narrada pelo historiador. O que chama a atenção, pelo contrário, é a inaudita *magnificentia* dos espetáculos, incluindo os jogos gladiatoriais, a ponto de Antíoco IV Epifânio empenhar, de início, vastos recursos a fim de recrutar gladiadores vindos da própria cidade de Roma.

Em paralelo a isto, observa-se um aumento gradual da dimensão que os combates assumiram no interior da *Vrbs*, como apresentado entre a Terceira, Quarta e Quinta Décadas da *Ab Vrbe Condita*. Assim sendo, para o ano de 216 teríamos quarenta e quatro gladiadores (Liv., XXIII 30, 15); em 200, seriam cinquenta por conta dos quatro dias de jogos fúnebres em honra a Marco Valério Levino (Liv., XXXI, 50, 5); em relação ao ano de 183, alcançou-se a cifra de cento e vinte combatentes ao longo de três dias (Liv., XXXIX 46, 2); finalmente, Tito Lívio asseguraria que, em 174, setenta e quatro gladiadores se enfrentaram por ocasião das celebrações em memória do pai de Tito Flaminio. Ainda que o número seja menor que aquele visto quase dez anos antes, os jogos organizados por Flaminio teriam se destacado em meio a tantos outros realizados naquele ano, pois teriam sido “grandiosos para a época” (*magni tum muneris ea summa fuit*, como apontado em Liv., XLI 28, 11).

Ressaltava-se, portanto, que os combates de gladiadores adquiriam grandiosidade cada vez maior. Contudo, na narrativa de Tito Lívio a *magnificentia* na celebração de espetáculos cívico-religiosos tem por palco privilegiado o Oriente helenístico: para além do caso envolvendo Antíoco IV Epifânio, salientava-se toda a pompa dos *ludi* que, após a vitória na Batalha de Pidna, Lúcio Emílio Paulo organizou na grega Anfípolis (em 167), a ponto de o historiador alertar seus leitores quanto ao fato de que, cotejados com tamanha opulência, “os romanos de então” se revelarem “grosseiros” (*ad quam rudes tum Romani erant*) (Liv., XLV, 32, 10).

---

(repeating the *orbis* in the *urbs*). Ver C. S. Kraus, “Repetition and empire in the *Ab urbe condita*”, P. Knox, C. Foss (Eds.), *Style and tradition: studies in honor of Wendell Clausen*, Stuttgart-Leipzig, Teubner, 1998, p. 280.

É possível, logo, constatar o significado ambíguo que as conquistas romanas assumiam aos olhos de Tito Lívio, na medida em que exprimiam a superioridade de Roma perante os inimigos externos e, simultaneamente, os perigos que os contatos mantidos com as potências estrangeiras – em particular, os reinos helenísticos – poderiam comportar em relação à identidade romana<sup>29</sup>. Nestes termos, festividades luxuosas eram pensadas a partir de um discurso que as associava a um distinto “modo de vida helênico”, tomado como sinônimo de “afrouxamento”, mesmo “efeminização” (*mollitia*), que se contraporia aos *mores* romanos que idealmente se caracterizariam por hábitos frugais e pelas virtudes marciais<sup>30</sup>.

Assim sendo, Tito Lívio reiterava uma oposição entre *frugalitas* (romana) e *magnificentia* (grega). Entretanto, as referências à crescente ostentação que se verificaria nos *munera gladiatorum* e nas *venationes* entre a Segunda Guerra Púnica e a Terceira Guerra Macedônica emergem, dentro da obra liviana, como vestígios da chegada em Roma dos vícios estrangeiros, ou seja, do apego ao luxo que colocaria em xeque a grandeza da *res publica*, nos termos do discurso moralizante que confere coesão à obra<sup>31</sup>. Matizava-se ligeiramente o elemento “romano” daquela prática social (a manifestação de *pietas* por parte dos integrantes da *nobilitas* em relação aos seus antepassados) e exprimia-se sua aproximação, embora de maneira incipiente, com determinados *mores Graecorum* que ameaçariam os *mores maiorum*.

Por isso, as menções aos *munera* se encaixavam de diferentes formas à estrutura textual como um todo. Aqueles que eram organizados dentro da *Vrbs* recebem tratamento

---

<sup>29</sup> J.-E. Bernard, “Portraits of peoples”, In B. Mineo (Ed.), *A companion to Livy*, Chicester, Wiley-Blackwell, 2015, p. 43. Na verdade, em que pese a retórica laudatória acerca da Roma de épocas primevas, na narrativa liviana as questões do presente norteavam a representação que se tecia a respeito do passado mais longínquo. Quer dizer, a expansão romana e os problemas da assimilação de outros povos remontam à hospitalidade exemplificada por Rômulo, uma vez que a chegada de exilados na cidade tornava possível a importação de novos costumes. Quanto a isso, ver C. S. Kraus. *Op. cit.*, p. 283.

<sup>30</sup> C. Edwards, *The politics of immorality in ancient Rome*, Cambridge: University Press, 2002 (=1993), p. 93.

<sup>31</sup> Para autores como Tito Lívio, comportamentos extravagantes eram vistos como contrários aos interesses públicos. O abandono (do ideal) da frugalidade que se retrojetava para os primeiros tempos da República se compreendia nos termos de um enfraquecimento dos romanos; assim, uma sociedade entregue ao luxo tornar-se-ia presa fácil diante de inimigos externos e internos. Ver E. Zanda, *Fighting Hydra-like luxury: sumptuary regulation in the Roman Republic*, London, Bristol Classical Press, 2011, p. 10.

protocolar, em conformidade com os propósitos de se registrar os eventos usuais que se sucediam ano após ano. Por seu turno, Tito Lívio desviar-se-ia dos preceitos da analística ao referir-se aos jogos gladiatoriais ocorridos nas áreas de conquista, elaborando uma espécie de *excursus* narrativo cuja visada era, pois, didática, fomentando a imagem de uma romanidade ideal mediante pequenos comentários que estavam relacionados a acontecimentos menores, se considerada a economia geral da obra<sup>32</sup>. De maneira dialética, tais anedotas poderiam guiar os leitores na interpretação que estabeleceriam quanto ao aumento progressivo da grandeza dos combates realizados dentro da cidade nas décadas iniciais do século II.

Diante do exposto, cabe finalmente retomarmos a passagem com a qual esse artigo se inicia. Uma vez mais, a complexificação inerente à história romana a partir da guerra contra Aníbal faz com que os jogos de gladiadores tomem lugar nas *rerum externarum*. Tito Lívio centra o episódio em torno da luta fratricida entre duas personagens estrangeiras, Córbis e Orsua, na medida em que portava saliente significado para todos aqueles que, assim como Tito Lívio, haviam experimentado as turbulências das guerras civis das décadas de 40 e 30 do século I. O evento, ocorrido em Nova Cartago, assumia a função de advertir os cidadãos romanos quanto aos resultados que a *ambitio* desenfreada haveria de provocar, isto é, destruição e morte<sup>33</sup>.

A dimensão religiosa do combate de gladiadores é enfatizada: por um lado, o *munus* teria sido organizado por Cipião Africano *ad vota solvenda*, em meio aos ritos fúnebres em honra aos seus antepassados (Liv., XXVIII 21, 1). Até aí, coisa alguma surpreende. Por outro lado, a escolha dos primos Córbis e Orsua de duelarem entre si se assemelhava ao ritual da *devotio* (“autossacrifício”), pois que ambos de maneira voluntária entregaram seus corpos a Marte, restando a um deles (Orsua) que fosse, por fim, “sacrificado” (cf. Liv., XXVIII, 21, 10). A trama guarda relação com parte do processo de iniciação do gladiador romano, qual seja, o *sacramentum gladiatorum*, mediante o qual aquele comprometia-se voluntariamente a colocar sua própria vida sob

---

<sup>32</sup> Apoio-me aqui na proposta que se encontra em L. Méry, “La condamnation du plaisir chez Tite-Live: une certaine idee de Rome?”, 2008. Recuperado de: [https://www.academia.edu/7213119/La\\_condamnation\\_du\\_plaisir\\_chez\\_TiteLive\\_une\\_certaine\\_id%C3%A9e\\_de\\_Rome\\_](https://www.academia.edu/7213119/La_condamnation_du_plaisir_chez_TiteLive_une_certaine_id%C3%A9e_de_Rome_).

<sup>33</sup> A. Futrell, *Blood in the arena. The spectacle of Roman power*, Austin, The University of Texas Press, 2001 (=1997), p. 44.

os desígnios dos deuses infernais, provação a partir da qual poderia redimir-se ou ser sacrificado às divindades<sup>34</sup>. Ao mesmo tempo, a (infrutífera) tentativa de intervenção levada a cabo por Cipião fundamentava uma relação de oposição entre “romanos” e “não romanos”: o general representa o conquistador que subordina suas ações militares e políticas ao uso da razão; daí que, logo, buscasse dissuadir os primos da ideia de um combate à maneira de gladiadores<sup>35</sup>. Já Córbis e Orsua, com sua obstinada solução fratricida, expressavam a inferioridade dos povos conquistados, a deixar-se dominar pelas paixões, fossem da natureza que fossem.

Por seu turno, *devotiones* como aquela que a tradição histórica atribuía ao cônsul Públio Décio Mus por ocasião da Batalha do Vesúvio em 340 eram encaradas como algo extraordinário pela aristocracia romana ao tempo da República Tardia e do Principado. Não haveria, portanto, morte mais gloriosa que a de Décio, que dedicou seu corpo às deidades para que as tropas romanas alcançassem a vitória no confronto bélico. A *devotio* compreendia, neste sentido, uma espécie de sacrifício expiatório: ao expor por vontade própria o seu corpo à violência infligida pelos inimigos, consagrando-o às divindades infernais, esperava-se que os deuses igualmente tolhessem a vida daqueles que combatiam os romanos<sup>36</sup>. Diz Carlin A. Barton que a *devotio deciana* suscitava, no período citado, admiração e emoções díspares, tanto por conta do *status* social da vítima que se autossacrificava, quanto pelo caráter voluntário do ato<sup>37</sup>. No caso da pugna em Nova Cartago, embora não o fossem “romanos”, Tito Lívio destacaria que Córbis e Orsua eram originários de família preclara e ilustre. Em que pese isto, a narrativa não apresenta o episódio senão em termos negativos: “uma prova do quão desastrosa é a ambição pelo poder entre os mortais” (Liv., XXVIII 21, 9). Não poderia haver glória em uma *devotio* que teve por palco não o campo de batalha, mas sim o espetáculo gladiatorial.

<sup>34</sup> Quanto a isso, ver C. A. Barton, “Savage miracles: the redemption of lost honor in Roman society and the sacrament of the gladiator and the martyr”, *Representations* 45 (1994), 41-71.

<sup>35</sup> “O Cipião retratado por Tito Lívio não cede à *hybris*” e, visando beneficiar o Estado romano, acaba por “subordinar os seus interesses também aos dos vencidos”. Vide B. B. Sebastiani, “Tito Lívio e Cipião Africano: historiografia e retrato exemplares”, M. L. Corassin (Ed.), *Cinco estudos sobre Tito Lívio*, São Paulo, LCTE, 2014, p. 98.

<sup>36</sup> C. A. Barton, *The sorrows of the ancient Romans. The gladiator and the monster*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1996 (=1993), p. 40; 42.

<sup>37</sup> C. A. Barton, *The sorrows...* Op. cit., p. 43.

Portanto, uma vez mais Tito Lívio se serviu de um evento completamente secundário em seu relato a fim de, a partir de um recurso metonímico, evidenciar seus juízos a respeito da época em que vivia, em seu sentido mais amplo. Ao tempo da composição da Terceira Década<sup>38</sup>, as lembranças acerca das guerras civis ainda permaneciam na ordem do dia. Portanto, os inusitados gladiadores Córbis e Orsua exemplificavam para os leitores de Tito Lívio os perigos relacionados às lutas intestinas e ao desprezo pela harmonia entre iguais, antes mesmo que o historiador passasse a narrar os conflitos internos que dariam o tom à história romana nos decênios finais da era republicana.

### **Bibliografia**

- M. von Albrecht, *Geschichte der römischen Literatur = Historia de la literatura romana* [Trad. D. Estefanía, A. Pociña Pérez], Barcelona, Herder Editorial, vol. 1, 1997.
- C. A. Barton, “Savage miracles: the redemption of lost honor in Roman society and the sacrament of the gladiator and the martyr”, *Representations* 45 (1994), 41-71.
- C. A. Barton, *The sorrows of the ancient Romans. The gladiator and the monster*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1996 (=1993).
- J.-E. Bernard, “Portraits of peoples”, In B. Mineo (Ed.), *A companion to Livy*, Chicester, Wiley-Blackwell, 2015.
- M. Carter, “Livy, Titus Manlius Capitolinus and the gladiatorial *prolusio*”, *Rheinisches Museum für Philologie* 151.3/4 (2008), 313-325.
- E. Cizek, *Histoire et historiens à Rome dans l’Antiquité*, Lyon, PUL, 1995.
- C. Edwards, *The politics of immorality in ancient Rome*, Cambridge: University Press, 2002 (=1993).

---

<sup>38</sup> Evidências internas à obra sinalizam que o Livro XXVIII foi redigido após a guerra contra os cântabros no ano de 19. Para tanto, ver M. von Albrecht, *Geschichte der römischen Literatur = Historia de la literatura romana* [Trad. D. Estefanía, A. Pociña Pérez], Barcelona, Herder Editorial, vol. 1, 1997, p. 773.

- C. W. Fornara, *The nature of History in ancient Greece and Rome*, Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press, 1983.
- A. Feldherr, *Spectacle and society in Livy's History*, Berkeley: University of California Press, 1998.
- A. Futrell, *Blood in the arena. The spectacle of Roman power*, Austin, The University of Texas Press, 2001 (=1997).
- A. Futrell, *The Roman games*, Malden (MA), Blackwell, 2006.
- B. Gentili, G. Cerri, *History and biography in ancient thought*, Amsterdam, J. C. Gieben, 1988.
- C. S. Kraus, "Repetition and empire in the *Ab urbe condita*", P. Knox, C. Foss (Eds.), *Style and tradition: studies in honor of Wendell Clausen*, Stuttgart-Leipzig, Teubner, 1998.
- L. Méry, "La condamnation du plaisir chez Tite-Live: une certaine idee de Rome?", 2008. Recuperado de: [https://www.academia.edu/7213119/La\\_condamnation\\_du\\_plaisir\\_chez\\_TiteLive\\_une\\_certaine\\_id%C3%A9e\\_de\\_Rome\\_](https://www.academia.edu/7213119/La_condamnation_du_plaisir_chez_TiteLive_une_certaine_id%C3%A9e_de_Rome_).
- S. E. Phang, *Roman military service. Ideologies of discipline in the Late Republic and Early Principate*, New York, Cambridge University Press, 2008.
- J. Rich, "Structuring Roman history: the consular year and the Roman historical tradition", *Histos* 5 (2011), 1-43.
- B. B. Sebastiani, "Tito Lívio e Cipião Africano: historiografia e retrato exemplares", M. L. Corassin (Ed.), *Cinco estudos sobre Tito Lívio*, São Paulo, LCTE, 2014.
- F. W. Walbank, "The fourth and fifth decades", T. A. Dorey (Ed.), *Livy*, London-Toronto, Routledge & Keegan Paul-University of Toronto Press, 1971.
- R. T. White, "Luxury at Rome: *avaritia*, *aemulatio* and the *mos maiorum*", *Ex Historia* 6 (2014), 117-143.

T. Wiedemann, *Emperors and gladiators*, London-New York, Routledge, 1995  
(=1992).

E. Zanda, *Fighting Hydra-like luxury: sumptuary regulation in the Roman Republic*,  
London, Bristol Classical Press, 2011.